

## A POESIA ÉPICA LATINA<sup>1</sup>



1. Conceituação de poesia épica: espécie do gênero poesia a que se filiam narrativas em verso que têm por assunto fatos heróicos vividos por personagens humanas excepcionais, manipuladas, de certa maneira, pelo poder dos deuses. A tradição grega é responsável por essa conceituação, que se desenvolve com o tempo, fixando-se as características formais da espécie.

1.1. *Épica de épos* = palavra, discurso, voz; palavra proferida; palavra inaugural, criadora, *epopéia*.

1.2. Finalidade da poesia épica: manter a tradição, registrar os fatos heróicos, garantindo-lhes a sobrevivência; preservar a memória do herói, do ser que se coloca entre a divindade e o homem comum (semideus).

1.3. Caráter sagrado da *epopéia*.

2. A épica grega. As *epopéias* homéricas (*Ilíada* e *Odisséia*).

Os Aedos (= cantor) e, depois, rapsodos (= “costurador”, aquele que “costura” canções) divulgavam oralmente as *epopéias* até a fixação do texto pela escrita. Estabelecimento de modelos.

3. A épica romana.

3.1 A *epopéia* de Virgílio: a *Eneida* (30-19 a.C.).

4. Observações sobre a *Eneida*.

4.1. O autor: Públio Virgílio Maro (*Publius Vergilius Maro*), natural de Cremona (70-19 a.C.); a obra virgiliana: poemas de juventude, as *Bucólicas*, as *Geórgicas* (a adesão à política de Augusto: o papel de Mecenas; a propaganda literária); a *Eneida* (exaltação de Roma e de Augusto).

4.2. Fontes da *Eneida*: *Ilíada*, *Odisséia*, trágicos gregos, épica alexandrina, *epopéias* latinas, filosofia grega, história romana.

5. Características da *Eneida*.

5.1. O aspecto formal.

- divisão em doze livros (ou cantos), 9.826 versos hexâmetros
  - montagem convencional:
1. **proposição** do assunto (*Arma uirumque cano Troiae qui primus ab oris* – “Canto as armas e o varão que, primeiro, das praias de Tróia...” I;
  2. **invocação** à musa (*Musa, mihi causas memora* – “Musa, lembra-me as causas...”
  3. **narração** - início da ação *in medias res* (excerto 5), retrospectiva (relatos), prospectiva (presságios, profecias, sonhos).

5.2. Assunto da *Eneida*: a viagem de Enéias, de Tróia à Itália, passando por Creta, pelo Epiro, pela Sicília, por Cartago e novamente pela Sicília. Durante a narrativa, aparecem personagens divinas (Juno e Vênus, Júpiter, Mercúrio), semidivinas (a pitonisa) e humanas (Dido e Enéias).

<sup>1</sup> Este texto é de autoria da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Zélia de Almeida Cardoso. Modifiquei algumas coisas. Poucas. O texto e muitas outras informações sobre a *Eneida* podem ser encontradas no endereço: <http://www.paideuma.net/eneida.htm>

5.3. Características internas: *imitatio* e originalidade (criatividade, poder de inovar); presença da romanidade (ufanismo, nacionalismo, costumes); erudição; estilo puro e elegante; vocabulário rico, frase harmoniosa; grande capacidade descritiva.

6. A *Eneida* e a literatura moderna; o Renascimento: Dante e Camões; o século XVIII: a “Cantata de Dido” de Correia Garção.

## BIBLIOGRAFIA

- APPEL, M. B. & GOETTEMS, M. B. (Org.). *As formas do épico, da epopéia sânscrita à telenovela*. Porto Alegre, Movimento, 1992.
- BELLESSERT, A. *Virgílio, su obra y su tiempo*. Madrid, Tecnos, 1965.
- BERTARELLO, I. *Poesia e poética de Virgílio*. S.P., FFCL-USP, Boletim 148, 1955.
- BEYE, C. *Ancient epic poetry. Homer, Apollonius, Virgil*. Ithaca and London, Cornell University Press, 1993.
- BOYLE, A. J. (Org.). *Roman epic*. London & New York, Routledge, 1993.
- BRANDÃO, J. L. *Do epos à epopéia: sobre a gênese dos poemas homéricos*. B.H., SBEC, 1990.
- BRISSON, J.-P. *Virgile, son temps et le nôtre*. 2<sup>a</sup>. ed. Paris, Maspéro, 1980.
- CAIRNS, F. *Virgil's Augustan epic*. Cambridge, Cambridge University Press, 1990.
- CAMPS, W. A. *Introduzione all'Eneide*. Milano, Mursia, 1990.
- GARCÍA CALVO, A. “Los títeres de la epopeya”. In: BAUZA, H. (Comp.) *Virgilio en el bimilenario de su muerte*. Buenos Aires, Ediciones Parthenope, 1982. pp. 39-46.
- GRIMAL, P. *Virgile ou la seconde naissance de Rome*. Paris, Arthaud, 1985.
- MICHEL, A. “Virgilio y la estética de su tiempo”. In: BAUZA, H. (Comp.) *Virgilio en el bimilenario de su muerte*. Buenos Aires, Ediciones Parthenope, 1982. pp. 83-96.
- NEWMAN, J. K. *The classical epic tradition*. Wisconsin, The University of Wisconsin Press, 1986.
- QUINT, D. *Epic and Empire*. Princeton, Princeton University Press, 1993.
- VASCONCELLOS, P. S. *Efeitos intertextuais na Eneida de Virgílio*. S.P., Humanitas, 2001.

## EXCEROTOS

### 1. Verso inicial: ARMA VIRUMQUE CANO TROIAE QUI PRIMUS AB ORIS

**2. Proposição do assunto:** “Canto as armas e o varão que, proveniente das praias de Tróia, fugindo por força de seu próprio destino, foi o primeiro a chegar à Itália e aos litorais lavínios; foi ele atirado de um lado para outro, nas terras e no mar, pela força dos deuses, pela ira memorável da cruel Juno, e sofreu muito na guerra até que construísse uma cidade e introduzisse os deuses no Lácio, de onde procedem a geração latina, os velhos albanos e os muros da altiva Roma” (I, 1-7).

**3. Invocação:** “Musa, lembra-me as causas: foi por ter sido ferida em sua divindade ou por que outra razão, que a magoada rainha dos deuses teria obrigado um varão insigne por sua piedade a envolver-se em tanta desgraça, a enfrentar tanta luta? Porventura tão grandes iras se abrigam nos espíritos celestes?” (I, 8-11).

**4. Causa do ódio de Juno pelos troianos:** “Havia uma cidade antiga – os colonos tírios a ocupavam –, Cartago, diante da Itália e da foz do Tibre, mas distante, opulenta em riquezas e duríssima na prática da guerra; fala-se que Juno a amava mais do que a todas as outras, tendo deixado de lado a própria Samos. Ali estiveram suas armas, ali esteve seu carro; a deusa pretende que, se os fados o permitirem, este seja o reino de todos os povos, e o protege. Ouvira dizer, entretanto, que haveria de surgir, oriunda de sangue troiano, uma raça que um dia derrubaria as fortalezas tírias” (I, 12-20).

**5. Descrição da Eólia, para onde Juno se dirige** – “Revolvendo estes pensamentos em seu coração inflamado, a deusa se dirigiu à Eólia, terra dos nimbos, lugar chicoteado pelos austros enfurecidos. Ali o rei Éolo, num vasto antro, contém com seu poder os ventos lutadores e as estrondosas tempestades e os refreia com cadeias e prisão” (I, 50-54).

**6. A tempestade** – “... os ventos, como se tivesse sido organizado um esquadrão, se precipitam pela porta que lhes foi aberta e sopram sobre a terra, em turbilhão. Lançam-se sobre o mar, até suas profundezas, o Euro e o Noto, ao mesmo tempo, e também o Áfrico, freqüente nas tempestades, e arremessam às praias imensos vagalhões. Segue-se a isso o clamor dos homens e o estridor das cordas. As nuvens, subitamente, arrancam o céu e a claridade dos olhos dos teucros; uma noite negra cai sobre o mar. O firmamento ribomba e o ar faísca com relâmpagos incessantes e tudo parece mostrar aos homens a morte iminente” (I, 82-91).

**7. Intervenção de Netuno** – “... Netuno percebeu, entretanto, que o mar se agitava com um grande fragor e que uma tempestade se desencadeara e que os abismos tinham sido revolvidos, em suas profundezas, e se enfureceu intensamente [...]; acalma os mares revoltos, afugenta as nuvens que se haviam acumulado e traz de volta o sol” (I, 124-126; 142-143).

**8. Chegada dos troianos à Líbia** – “Os Enéadas, fatigados, procuram chegar, em seu curso, ao litoral próximo e voltam-se em direção às praias da Líbia. Há ali um local, numa vasta baía: uma ilha forma um porto, com a barreira de seus lados, contra os quais todas as ondas do mar se quebram e se dividem em ondulações que refluem. De um lado e de outro, grandes penhascos e dois rochedos gêmeos ameaçam o céu; sob seus vértices, ao longe, as águas se calam, tranqüilas. Além deles, como se fosse um cenário com árvores tremulantes, há um bosque escuro que se situa no alto, com uma sombra misteriosa. Diante dele há uma gruta com estalactites pendentes; em seu interior, a morada das ninfas, há água fresca e assentos na rocha viva. Ali nenhuma corda precisa prender os navios cansados, nenhuma âncora os retêm com seu dente adunco. Enéias entra nesse local com sete navios escolhidos dentre todos e os troianos, desembarcando com grande

saudade da terra, se apossam da praia alcançada e estendem na areia os membros molhados com água salgada. Imediatamente Acates tira uma centelha da rocha, apara o fogo em folhas, alimenta-o com nutrimento seco e obtém uma chama nos gravetos. Em seguida, embora cansados com esses procedimentos, tiram dos navios os dons de Ceres, molhados pelas ondas, os cereais, e se preparam para torrar os grãos no fogo e quebrá-los com pedras” (I, 157-179).

**9. Júpiter profetiza o destino dos romanos** – “Nascerá de uma nobre origem, descendente da família Júlia, que tirou seu nome do grande lulo, um César troiano que estenderá seu império até as águas oceânicas e sua fama até os astros. Tu, tranqüilizada, o receberás um dia no céu, carregado com o espólio do Oriente; e ele também será invocado com votos” (I, 286-289).

**10. Enéias e Acates chegam a Cartago** – “Tomaram então o caminho por onde existe uma vereda. Subiram a colina que domina a cidade e que se volta, de cima, para a cidadela fronteira. Enéias admira a construção imponente, outrora pobres choupanas, admira as portas, o alarido e o calçamento das ruas. Os tírios, cheios de ardor, apressam-se, uma parte em erguer muralhas e construir a fortaleza e, com as mãos, fazem as pedras rolar; outra parte, em escolher um lugar para suas casas e a cercá-lo com um fosso. Eles têm leis e magistrados e também o sacrossanto senado. Alguns escavam portos, outros preparam profundos alicerces para os teatros, cortam enormes colunas de pedra, belas decorações para os futuros cenários. Dessa forma o trabalho anima as abelhas, no verão, pelos campos floridos, quando fazem sair a prole já adulta de sua espécie ou quando adensam o líquido mel e enchem os favos com o doce néctar” (I, 418-433).

**11. O encontro de Enéias com a sombra de Creúsa** – “A mim que a procurava, desvairado, entre as casas da cidade, apareceu ante meus olhos um triste simulacro, a sombra da própria Creúsa, uma imagem maior do que a que eu conhecia. Fiquei estarecido, meus cabelos se arrepiaram e a voz se me prendeu na garganta (*Obstipui steteruntque comae et uox faucibus haesit*). Então ela assim falou e com suas palavras acalmou meus cuidados: ‘De que adianta te entregares a uma dor insana, querido esposo? Estas coisas não acontecem sem a vontade dos deuses. Nem o destino nem o rei do alto Olimpo permitem que leves Creúsa como companheira. Longos exílios e uma vasta extensão de mares devem ser enfrentados por ti: chegarás à terra Hespéria onde o Tibre lídio corre por entre os férteis campos dos homens com uma corrente mansa. Ali coisas felizes te serão reservadas, um reino e uma esposa real; afasta as lágrimas de tua querida Creúsa’. [...] Assim que disse tais palavras, ela se afastou de mim, que estava chorando e desejava dizer-lhe muitas coisas, e desapareceu nos ares. Três vezes tentei abraçá-la, três vezes a imagem retida escapou de minhas mãos, igual ao vento, semelhante a um leve sonho” (II, 771-784; 790-794).

**12. Enéias ouve a voz de Polidoro** – “Eu estava oferecendo sacrifícios à minha mãe, a filha de Dione, e aos deuses protetores das obras iniciadas e ia sacrificar um belo touro na praia em homenagem ao supremo rei dos celícolas. Havia ali perto uma elevação

tumular em cujo cimo estavam rebentos de pilriteiro e uma murta eriçada de muitas hastes. Aproximei-me e, tentando arrancar da terra um galho verde para cobrir o altar com ramagens frondosas, presencio um prodígio espantoso e horrendo de contar, pois assim que a planta foi arrancada do solo, com suas raízes arrebetadas, gotas de sangue negro dela escorrem e mancham a terra com a podridão. Um frígido terror sacode meus membros e, com o medo, meu sangue gelado se paralisa. Tento arrancar novamente um ramo flexível de outra árvore e descobrir as causas ocultas do prodígio. Cai sangue negro da casca da outra árvore. Remoendo na mente muitas coisas, pus-me a invocar as ninfas agrestes e o pai Gradivo que preside os campos géticos, para que, de acordo com o rito, protegessem as aparições e afastassem os maus presságios. Mas depois que seguro um terceiro ramo com mais força e firmo os joelhos no chão que se lhes opõe (deverei falar ou calar-me?), ouve-se um gemido lacrimoso do fundo do túmulo e a voz que escapa chega a meus ouvidos: ‘Ó Enéias, por que dilaceras um infeliz? Tem compaixão de quem já está morto. Abstém-te de tornar sacrílegas tuas pias mãos. Nem Tróia me gerou estranho a ti nem este sangue mana de um galho de árvore. Ai de mim! Foge destas terras cruéis, foge desta praia cobiçosa. Pois eu sou Polidoro. Foi aqui que uma grande quantidade de lanças de ferro me trespassou e cresceu sob a forma de dardos agudos’. Fiquei estarecido, meus cabelos se arrepiaram e a voz se me prendeu na garganta” (*Obstipui steteruntque comae et uox faucibus haesit*) (III, 19-48).

**13. Dido se apaixona por Enéias** – “Mas a rainha, atingida por uma grande aflição, alimenta seu ferimento em seu sangue e se entrega a um fogo oculto. Retorna constantemente a seu espírito a lembrança da grande coragem do troiano e da nobreza de seu povo; permanecem fixados em sua mente o semblante e as palavras que ele proferiu e ela não consegue oferecer aos membros um tranqüilo repouso. A Aurora seguinte iluminava as terras com a luz de Febo e já havia afastado do céu as sombras úmidas quando, desvairada, ela assim se dirige à irmã querida: - Ana, minha irmã, que insônia e que agitação me aterrorizam! Que novo hóspede é este que entrou em nossa casa?’ [...] Se eu não repudiasse o tálamo e a tocha, talvez pudesse sucumbir a esta única falta” (IV, 1-10; 18-19).

**14. Desvario de Dido** – “A infeliz Dido se inflama e vagueia desvairada por toda a cidade, como a corça ferida pela flecha; o pastor, que a perseguia com suas armas, sem saber, atingiu, de longe, a imprudente, nos bosques de Creta, quando ela estava distraída, e nela ficou fixada a haste de ferro que veio pelos ares; ela percorre em sua fuga as florestas e os bosques dicteus; a flecha mortal vai presa a seu flanco” (IV, 68-73).

**15. Partida para a caçada** – “Entretanto, a Aurora surgindo, deixou o Oceano; ao descambar da estrela da manhã, a juventude escolhida se dirige às portas da cidade; redes de malha larga, telas, grossos dardos de ferro; os cavaleiros massílios se apressam bem como os cães de fino faro. Os chefes fenícios esperam junto ao limiar a rainha que se demora em seu leito; um cavalo está a postos, deslumbrante pelo ouro e pela púrpura, e morde, impaciente, os freios espumantes. Finalmente a rainha se aproxima, acompanhada de um grande séqüito, envolta numa clâmide sidônia, com a fímbria

bordada; sua aljava é de ouro, os cabelos são presos com ouro, uma fivela de ouro fecha-lhe o manto purpúreo”.

**16. A tempestade** – “O céu, entretanto, começa a tumultuar-se com grandes estrondos; sobrevém uma nuvem carregada e granizo; tanto os tírios como os jovens troianos e o dardânio neto de Vênus procuram, com medo, diversos abrigos pelos campos; torrentes despencam das montanhas. Dido e o chefe troiano chegam à mesma gruta. A terra, primeiro, e Juno como prônuba dão o sinal: os fogos se acenderam, bem como o éter, cúmplice dos casamentos, e as ninfas gritaram do mais alto cimo. Esse primeiro dia foi causa de sofrimentos e morte: Dido já não se importa com a conveniência ou com a sua reputação; já não considera seu amor como clandestino; chama-o de casamento e com essa palavra encobre sua culpa.” (IV, 160-172).

**17. A Fama** – “Imediatamente a Fama vai pelas grandes cidades da Líbia. A Fama – e nenhum outro mal é mais veloz que esse – tem grande mobilidade e caminhando adquire forças. Inicialmente pequena em razão do medo, eleva-se rapidamente nos ares, anda no solo e esconde a cabeça nas nuvens” [...] “É um monstro horrendo, enorme, que tem tantas plumas no corpo quanto olhos vigilantes sob elas, coisa incrível, tantas línguas quanto bocas que falam, quanto ouvidos que se põem atentos” (IV, 173-176; 181-183).

**18. A mensagem de Mercúrio** – “Assim que Mercúrio tocou as pequenas casas da Líbia, com seus pés alados, viu Enéias construindo fortalezas e reformando as habitações. Tinha ele uma espada marchetada de jaspe dourado e brilhava num manto de púrpura, pendente de seus ombros: era um presente que Dido lhe fizera; ela mesma bordara o tecido com fios de ouro. O deus o interpela, no mesmo momento: – Tu, agora, constróis os alicerces da altiva Cartago e, servindo a uma esposa, edificas uma bela cidade, ai, esquecido de teu reino e de tua missão! Envia-me a ti, do claro Olimpo, o próprio rei dos deuses, que move céus e terras com sua vontade; ele próprio me ordenou que te trouxesse estas ordens pelos ares velozes. Que pensas tu? Com que esperança despendes teu ócio pelas terras líbicas? Se não te move nenhum anseio de glória por uma tão grande missão, se não te dedicas a nenhum trabalho para teu louvor, olha Ascânio que está crescendo e as esperanças de lulo, teu herdeiro, a quem é devido o reino da Itália e a terra romana” (IV, 259-276).

**19. Maldição de Dido** – “Nem uma deusa é tua mãe nem Dárdano o ancestral de tua raça, pérfido. O pedregoso Cáucaso te gerou nos penhascos escarpados e as tigresas da Hircânia te deram as tetas. Por que dissimulo, porém? Para que dores maiores me reservo? Acaso ele se comove com meu pranto? Acaso desvia os olhos? Acaso, vencido, verteu lágrimas ou teve compaixão de sua amante?” [...] “Não te detenho nem respondo a tuas palavras. Vai, dirige-te à Itália com os ventos, alcança teu reino com as ondas. Mas eu espero, se as piedosas divindades podem algo, que sofras suplícios no meio dos rochedos e que muitas vezes invoques Dido por seu nome. Ausente, eu te acompanharei com fogos negros e quando a frígida morte tiver separado meus membros de minha alma estarei por toda parte, como sombra. Terás teu castigo, perverso. Disso eu saberei e a notícia me chegará nas profundezas dos manes” (IV, 365-370; 380-387).

**20. Profecia de Anquises** – “Outros povos trabalharão com mais delicadeza os bronzes que parecem respirar – assim creio eu – e tirarão do mármore rostos que parecem vivos, discursarão melhor em suas causas, despreverão com o compasso o espaço do céu e discorrerão sobre os astros que surgem. Quanto a ti, ó romano, lembra-te de governar os outros povos com o teu poder. Esta será a tua arte: impor as condições de paz, poupar os vencidos, destruir os soberbos” (VI, 847-853).

**21. Conselhos de Fauno ao rei Latino** – “Não procures unir tua filha a um esposo latino, meu filho, e não confies no casamento combinado. Virão de fora os genros que, por sua progênie, elevarão nosso nome até os astros; os descendentes dessa raça verão que a seus pés se curva, deixando-se dominar, tudo aquilo que o sol ilumina ao percorrer seu caminho entre os dois oceanos” (VII, 96-100).

**22. Camila** – “Além destes, chega Camila, da gente volsca, comandando, guerreira, um esquadrão de cavaleiros e batalhões brilhantes pelas armas de bronze; ela não acostumou suas mãos femininas à roca de Minerva e aos balaios de lã, mas embora donzela, a suportar duras guerras e a enfrentar os ventos em corridas, a pé. Se ela corresse por sobre as plantas de uma seara intacta não ofenderia as tenras espigas em sua corrida; se avançasse pelo mar, suspensa sobre uma onda encapelada, não molharia os céleres pés na água. Todos os jovens e a multidão de mães, saídas das casas e dos campos, com os olhos presos a ela e com a mente atônita, vêem-na caminhar e admiram como a clâmide real lhe enfeita os ombros delicados, com sua púrpura, como a presilha, com seu ouro, lhe prende a cabeleira, como ela segura a aljava lícia e a murta dos pastores com a ponta de ferro nela fixada” (VII, 803-817).

**23. Lamentação da mãe de Eurialo** – “Entretanto a Fama mensageira, voando com suas asas pela cidade apavorada, chega aos ouvidos da mãe de Eurialo: o calor, subitamente, abandona os ossos da infeliz; a lançadeira lhe cai das mãos e a lã se emaranha. Arrancando os cabelos, a infeliz se precipita para fora, num alarido bem feminino; endoidecida, dirige-se aos muros e aos acampamentos, não se lembrando dos homens, dos perigos, dos dardos; enche então os ares com suas lamentações: – É assim que te vejo, Eurialo? Tu, que eras o tardio repouso de minha velhice, pudeste deixar-me só? És cruel! E, enviado a uma missão tão perigosa, não permitiste à tua infeliz mãe que te desse o último adeus? Ai de mim! Jazes agora em terra estrangeira, abandonado como presa aos cães latinos e às aves! Não te acompanhei, como mãe, em teus funerais, não te fechei os olhos, não lavei tuas feridas, cobrindo-te com o manto que, cuidadosa, tecia para ti, noite e dia, consolando no tear, minhas preocupações de anciã. Onde te procurarei? Que terra possui agora teus despojos, teus membros arrancados, teu cadáver mutilado?” (IX, 473-491).

**24. Funeral de Palante** – “Eles colocam o jovem ali, estendido sobre um leito de folhas, qual flor arrancada de mimoso pé de violeta ou de delicado jacinto pela mão de uma menina; o brilho e a beleza ainda não a abandonaram mas a terra mãe já não lhe ministra forças. Enéias então trouxe dois mantos de púrpura, bordados com ouro, que outrora a

Dido sidônia, feliz, fizera para ele com as próprias mãos, bordando o tecido com fios de ouro” (XI, 67-74).

**25. Morte de Turno** – “Embora impetuoso nas armas, Enéias parou, baixando os olhos, e reteve sua mão, mas assim que o triste discurso de Turno começara a comovê-lo, viu em seu ombro altivo, com as conhecidas tachas brilhantes, o cinturão do jovem Palante que Turno abatera com um ferimento mortal, trazendo agora em seu ombro o espólio do inimigo insigne. Depois de ver com seus próprios olhos os despojos, testemunhos de uma dor cruel, Enéias se deixa inflamar pela fúria e terrível em sua ira exclama: – ‘E tu hás de escapar de mim levando o espólio dos meus? É Palante, é Palante que te imola com este ferimento e que se vinga de teu sangue criminoso’. Dizendo estas palavras, inflamado, enfia a espada no peito que lhe estava fronteiro. Os membros de Turno desfalecem com o frio da morte e a vida indignada foge para as sombras com um gemido.” (XII, 938-952).